

9

Varia

1 – II ENCONTRO NACIONAL DE REDUÇÃO DE RISCOS – 12 E 13 DE NOVEMBRO DE 2010**1.1 – De Baixo para Cima**

Começamos por uma afirmação que não custa subcrever: vivemos em plena sociedade do conhecimento. Uma das suas expressões é a proliferação dos meios de difusão dos resultados da investigação e da intervenção: publicações técnicas e científicas, de sítios especializados na Web, de seminários, colóquios, jornadas, *workshops*, congressos, redes de especialistas. Nada de novo, portanto, ao dar-se aqui notícia do 2º Encontro Nacional de Redução de Riscos. Há, no entanto, algumas singularidades que fazem dele um evento de que vale a pena dar notícia.

Normalmente, as reuniões técnico-científicas organizam-se de cima para baixo: associações de âmbito profissional e/ou científico, agências estatais, redes internacionais, propõem à respectiva comunidade de interessados um espaço de comunicação de resultados e de discussão que, na linguagem comum, reduzimos ao rótulo de "congresso". Manda o ritual desta fórmula que alguns nomes de grande reconhecimento público mostrem, pelo simples efeito da sua presença, a relevância do evento, desdobrado depois em mesas múltiplas em que desfilam os menos sonantes. Eis algo com que o 2º Encontro Nacional de Redução de Riscos rompeu: porque, à semelhança do que já ocorreu há dois anos, no 1º Encontro, foi organizado de baixo para cima, porque não teve a consagração de nomes de cartaz, porque aposta e acredita nas mesas horizontais, em que a comunicação de resultados não serve ao acréscimo do *curriculum* individual mas à discussão colectiva.

De baixo para cima porquê? Porque a sua realização acontece como uma consequência natural do R3, um colectivo constituído por equipas de intervenção em Redução de Riscos e Minimização de Danos. Formou-se em 2004, como produto do Projecto Rezo-Lat, que em cinco países (Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça), visava caracterizar o que se fazia em RRMD, salientar

boas práticas e gerar comunicação entre profissionais e capacidade de rede. Ao fim destes anos, Portugal é o único dos cinco países em que a chamada dos técnicos resultou em rede permanente. Começou com cinco equipas e hoje tem 13 a participar (desde Viana e Braga a Aveiro) e várias outras em processo de adesão. É um colectivo que reúne rotativamente nas sedes das várias equipas, que visa partilhar práticas, trocar conhecimentos, discutir dificuldades, ser interlocutor de outros interventores no campo das drogas e dos organismos que gerem esta problemática. Um colectivo horizontal, sem sede nem presidência, sem registo formal – mas sempre com vasto *quórum* nas reuniões. E, desta dinâmica, surgiram entre muitas outras coisas os Encontros Nacionais. Em Novembro, mês do 6º aniversário do R3, realizou-se o 2º Encontro, decorrendo, simbolicamente, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da U.P., primeira – única? – instituição de ensino superior a apostar na formação dos futuros profissionais no campo das drogas e, especificamente, em RRMD.

1.2 – Reacções e Desafios

O número anterior da *Dependências* apresentou uma excelente resenha do 2º Encontro Nacional de Redução de Riscos. Gostaríamos, no entanto, de acrescentar mais umas notas soltas sobre o mesmo. Segundo o *feedback* das pessoas presentes, verificou-se, relativamente ao Encontro anterior, um *upgrade* nos assuntos discutidos. Passamos de problemas base de afirmação/construção de uma identidade para uma panóplia de temáticas bastante interessantes, como o Trabalho de Pares, o Trabalho Sexual, os Kits de Consumo Higiénico, as Salas de Consumo Assistido, os Contextos Festivos, os Programas de Substituição Opiácea e as Políticas de Redução de Riscos. Não obstante este *upgrade*, parecem continuar a persistir alguns problemas antigos, nomeadamente os problemas de financiamento e a consequente descontinuidade dos Projectos/serviços.

Este continua a ser um calcanhar de Aquiles que nem o PORI resolveu. Outros relatos deram conta, de forma positiva, do cunho informal, participativo e de debate que tem marcado estes encontros. Um dos objectivos principais passa pela troca de ideias e não apenas pela exposição destas. Como tal, a mesa dos decisores (IDT, C.N. Sida, Segurança Social) e as informações trocadas foram um momento chave do Encontro. Demasiado inquisidor para uns, de pouca duração para outros, o importante é que este momento tenha existido, graças também à sua disponibilidade. A possibilidade de diálogo do Encontro é tal que implicou alguns atrasos no programa, facto compensado em parte pela riqueza das apresentações.

E as conclusões a que chegamos é que as provas ou evidências da Redução de Riscos estão dadas. No entanto, persiste um sentimento de insegurança, de linhas orientadoras políticas frágeis, que podem mudar repentinamente. Enfrentam-se agora outros desafios. Um deles, a solidificação. Outro tema abordado no Encontro diz respeito a uma maior participação por parte dos envolvidos. Não só pessoas que utilizam drogas, mas também técnicos e decisores. Ora o II Encontro Nacional de Redução de Riscos advém desse empenho e dessa participação, essencialmente dos técnicos, mas contando também com a participação de utilizadores e de decisores. Tem, no entanto, faltado um elemento-chave – a comunidade. Parece não estar envolvida na equação mas a comunidade, aquelas pessoas que aparentemente não têm nada a ver com o assunto têm tudo a ver com ele. Porquê? Porque os agentes comunitários são responsáveis pela construção de representações sociais e pela opinião pública e vão ter um papel bastante importante no rumo que as políticas da droga vão seguir. Se não vejamos, quando se fala da abertura de uma sala de consumo assistido em Portugal, a opinião pública “ainda não está preparada”. Assim, num próximo Encontro e para melhorarmos a participação, desafio deixado por John Peter-Kools e Isabel Ponte, devemos contar com a colaboração da comunidade. E já agora, como estamos em termos de apoio a Associações de utilizadores de drogas? Este também é um dos desafios. Da parte do

R3, fica o compromisso de que vai tentar responder a estes desafios. E você?

Luís Fernandes e Mara Silva

2 – CARACTERIZAÇÃO DA REVISTA *TOXICODPENDÊNCIAS*

Em 2010, foram editados três números de 2000 exemplares cada, com artigos originais, sobre a problemática das toxicodpendências.

Uma breve caracterização do perfil volume N.º 16 (2010), na sequência do que se fez nos anos anteriores (cf. Toxicodpendências, Vol. nº 3, nº2, 1997, pp.93-94; Vol. 4, nº3, 1998, pp.93-94; Vol. 6, nº2, 2000, pp.93-94; Vol. 7, nº2, 2001, pp.93-94; Vol. 8, nº1, 2002, pp.91-92; Vol. 9, nº 1, 2003, pp.95-96; Vol. 10, nº1, 2004, pp.94-95; Vol. 11, nº1, 2005, pp.93-94, Vol. 12, nº1, 2006, pp.95-96; Vol. 13, nº 2 2007, pp.95; Vol. 14, nº2, 2008, pp.93-94; Vol. 15, nº 2, 2009, pp. 95-96; Vol. 16, nº 2, 2010, pp.93-95), apresenta a seguinte configuração:

GRÁFICO 1 – Instituições de origem (autores e co-autores), n = 44.

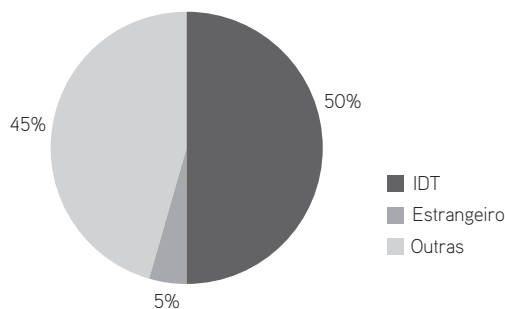


GRÁFICO 2 – Distribuição dos artigos por área temática, n = 21.

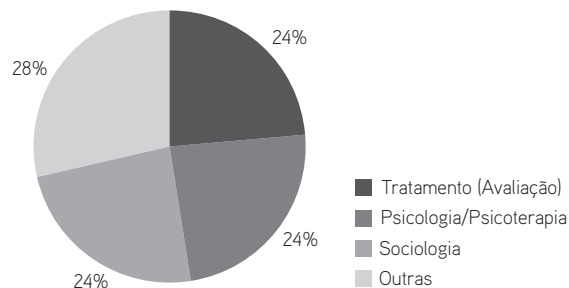
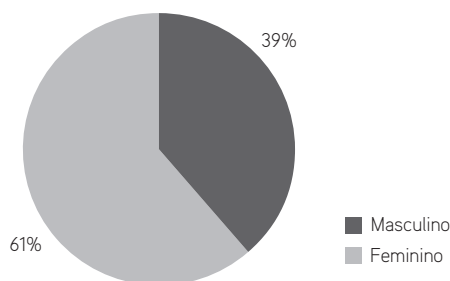
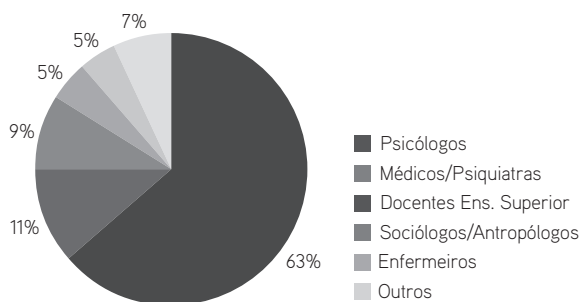
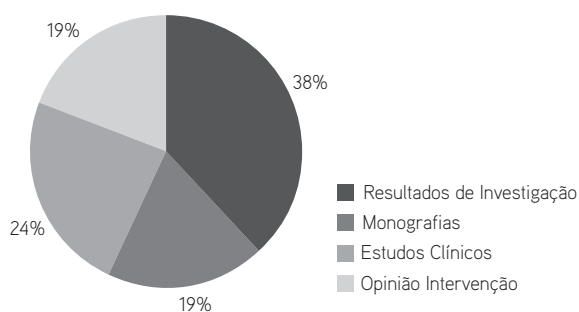


GRÁFICO 3 – Distribuição dos autores/co-autores por sexo, n = 44.**GRÁFICO 4** – Distribuição dos autores/co-autores por profissão, n = 44.**GRÁFICO 5** – Distribuição dos artigos por tipo, n = 21.

Os gráficos que ora se apresentam relativos ao Volume 16 (2010) permitem construir uma ideia global do perfil editorial de *Toxicodependências*.

Assim, verifica-se que 50% dos textos publicados foram produzidos por profissionais com vínculo ao IDT,

sendo que as temáticas predominantes se situam na área da clínica, ou seja, uma percentagem significativa de textos incide na preocupação de reflectir sobre a prática clínica da instituição.

É igualmente relevante que 38% dos artigos publicados sejam o resultado de trabalhos de investigação, o que pode entender-se como indicador de boas práticas, dada a complexidade da problemática das dependências.

Consonante com outros dados relativos à repartição por género no universo dos profissionais da área da saúde, verifica-se que a grande maioria dos autores (61%) pertence ao género feminino. Está ainda por estudar a génese e o significado deste fenómeno no contexto da reflexão/investigação sobre esta temática bem como as possíveis repercussões deste facto na definição das estratégias institucionais em curso.

Acresce ainda ressaltar a desproporção das valências profissionais no panorama dos colaboradores da Revista: 63% pertencem à área da Psicologia e apenas 5% são oriundos da área da Medicina. Para além destas explicações possíveis, afigura-se como muito verosímil a apetência dos profissionais de Psicologia para produzir textos cuja publicação possa valorizar os seus *curricula* e facilitar o acesso a graus académicos.

Dando voz a um espectro diversificado de especialidades, professadas por médicos, psicólogos, sociólogos/antropólogos, enfermeiros e outros, *Toxicodependências* prefigura-se no panorama das revistas científicas como um instrumento válido e útil para aprofundar o conhecimento da problemática das dependências.